

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Bruna Lislie dos Santos

“Coisas que já passaram, aí lembramos com o cérebro e o coração”:
Representações de memórias com crianças da Educação Infantil

Porto Alegre
2. Semestre
2013

Bruna Lislie dos Santos

“Coisas que já passaram, aí lembramos com o cérebro e o coração”:
Representações memórias com crianças da Educação Infantil

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade De Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Darlí Collares

Porto Alegre

2.Semestre

2013

Para minha mãe.

AGRADECIMENTO

Ao concluir este trabalho gostaria de agradecer...

À minha melhor amiga, companheira de todas as horas, de ombro amigo nas incontáveis vezes que precisei de um para chorar minhas dores, lutas, anseios, dúvidas e conquistas, e de colo que, quase sem saber, eu ainda ganho com tanto carinho. Minha querida mãe! Tuas digitais estão neste trabalho, já que sem ti, eu não teria chegado até aqui...

À minha “véinha” querida, que sempre cuidou de mim, e nunca cansou de me ligar só pra dizer que estava com saudades, e saber se eu iria voltar para casa nos finais de semana.

Ao meu Melãozinho, por alegrar minha vida, e me ensinar sobre um amor que eu não conhecia. Por me inspirar a aprender mais sobre educação, e ser em quem eu primeiro aplicava o que aprendia nas aulas. (Irmão)

Mana Cassi, Diguibi, e Di, pelo apoio e torcida incansáveis! Exemplo maior de que unidos podemos ir mais longe e de que família é, realmente, o bem mais precioso que temos na vida! Obrigada família!

Aqueles a quem chamo de “poucos e bons”... Meus amigos e amigas que foram meus companheiros de caminhada nos momentos bons e ruins. E também aqueles que foram aparecendo no caminho, tanto aos que ficaram, como aos que foram por outros caminhos. Sou grata pelo que aprendi e aprendo com cada um...

Aos alunos que tive até aqui, que me ensinaram tanto, mesmo enquanto pensavam que estavam somente a aprender.

À minha orientadora, Darli Collares, por todo o inteligente processo que me conduziu durante a escrita deste trabalho, e por acalmar minhas inquietações ao sorrir e dizer “enquanto tens dúvidas, estás no caminho certo. O problema seria se só tivesses certezas... aí, sim, eu me preocuparia”.

À “Mãe UFRGS” que me acolheu durante estes 4 anos e meio, me fazendo crescer como acadêmica e como ser humano. Em especial, às professoras Janne Felipe e Fabiana Amorin por toda motivação, apoio e risadas.

A todos vocês, com muito amor, meu muito obrigada!!

*Tudo tem o seu tempo determinado,
e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.
Há tempo de nascer, e tempo de morrer;
tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou;
Tempo de matar, e tempo de curar;
tempo de derrubar, e tempo de edificar;
Tempo de chorar, e tempo de rir;
tempo de prantear, e tempo de dançar;
Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras;
tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar;
Tempo de buscar, e tempo de perder;
tempo de guardar, e tempo de lançar fora;
Tempo de rasgar, e tempo de coser;
tempo de estar calado, e tempo de falar;
Tempo de amar, e tempo de odiar;
tempo de guerra, e tempo de PAZ...*

(Eclesiastes 3:1-8)

RESUMO

A presente pesquisa, resultado do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem por objetivo refletir sobre as representações que as crianças, de uma turma de Jardim B, em uma escola de Educação Infantil localizada na cidade de Porto Alegre, possuem a respeito de suas lembranças de vida. A perspectiva teórica que embasa este trabalho se pauta nos estudos realizados por Kramer, Collares, Freire, entre outros. O aporte metodológico, de cunho qualitativo, caracteriza-se pela análise dos seguintes documentos: diários de classe, relatórios de estágio produzidos ao longo de 15 semanas, onde foram registrados todos os projetos desenvolvidos com as crianças, bem como suas falas e reações no decorrer do trabalho do estágio proposto. Como conclusão, destaca-se que as crianças, através de suas lembranças, deixam evidente a importância de se criar, na escola, espaços de tempo nos quais suas falas possam significar-se como fundamentais. Destaca-se, ainda, o quanto as lembranças das crianças são constituídas e constituidoras de aprendizagens, relações de afeto, desenvolvimento da sensibilidade na elaboração de si.

Palavras-chave: Memórias. Infâncias. Educação Infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
2 CAMINHOS INVESTIGATIVOS	11
2.1 Caracterização da pesquisa, sujeitos e contexto	11
3 “REPRESENTAÇÕES”: do que estamos falando?	13
4 CAMINHOS PERCORRIDOS	15
4.1 Observação da turma	15
4.2 Estratégias musicais	16
4.3 A importância da roda	18
5 OS PROJETOS	21
5.1 Projeto sobre a cidade de Porto Alegre	21
5.2 Projeto sobre “Memórias”	22
6 EXPLORANDO AS MEMÓRIAS PESSOAIS DE CADA UM	24
6.1 A entrega dos “Pacotes de Memórias”	24
6.2 Respeitável público! Iniciemos as apresentações	24
7 SEGUINDO O FIO	28
7.1 Quando o inesperado surpreende o planejado	28
8 REFLETINDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS	30
9 CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

“Coisas que já passaram, aí lembramos com o cérebro e o coração” é, além do título deste trabalho, registro de uma frase dita por um aluno durante um projeto realizado no meu estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trata-se de um fragmento de minha experiência em sala de aula que se transformou em objeto de investigação.

Antes de iniciar meu estágio curricular obrigatório, trabalhei como professora auxiliar em um Centro de Educação Infantil, no qual tive a oportunidade de viver experiências com crianças de diferentes idades. Foram através dessas práticas que posso afirmar ter, verdadeiramente, me apaixonado pela educação infantil. Encantei-me pela afetividade que envolve abraços e beijos, pela paciência que temos que ter, e que as crianças também têm conosco, pelos sorrisos espontâneos, pelos choros que aprendemos a identificar e não apenas calar, pelas vozes misturadas no pátio, aviõezinhos de papel, músicas espontâneas, pelo barulho de passinhos rápidos pelo corredor, pelas pequenas mãos para ajudar a secar, pelos casacos para ajudar a vestir, pelos “posso?” com olhos brilhantes que travavam qualquer “não” que quisesse sair da minha boca, pelas bagunças com tinta, pelos “ops...”, pelo sempre nostálgico cheiro de giz, pela voz cansada de tanto falar, e pelo silêncio gritando em um olhar.

E foi esse encantamento que me motivou a fazer registros das falas das crianças. Quando iniciei meu estágio curricular obrigatório, não foi diferente. Em meus diários de classe gostava de relatar com detalhes, as falas, os choros, as brigas, o que não deu certo, bem como nossas conquistas diárias.

Após o término do período de estágio curricular, como última avaliação, todas as alunas concluintes desta etapa tiveram que elaborar uma apresentação de suas experiências durante este período, que seria visto pelas colegas de turma, bem como pelas as professoras da disciplina de Seminário da Educação Infantil. Enquanto passava pelo processo de montagem de minha apresentação, pude, ao mesmo tempo, estar retomando toda a minha trajetória durante meu período de estágio, e, com isso, refletir um pouco mais sobre os acontecimentos.

Procurei apresentar a caminhada da turma através das vivências mais significativas deste período, e com isso vinha junto o relato de nossa chegada ao projeto que realizamos sobre “memórias”. Como já contei, tenho um real apreço por

registrar as falas das crianças, sendo que, ao final de minha apresentação, não pude deixar de mostrar as frases das crianças, resultantes de suas representações à cerca de suas lembranças de vida. Queria ressaltar, além da importância do registro do que as crianças falam em aula, a beleza das hipóteses das mesmas diante da questão “o que são suas memórias?”.

Ao apresentar, para minhas colegas de estágio, professoras, e futuras estagiárias, pude ver e ouvir pessoas sorrindo e se emocionando com as respostas das crianças. Isso entusiasmou-me a refletir mais sobre essa trajetória e a compartilhar com outras pessoas esta reflexão. Ouvir o que as crianças têm a nos dizer sobre o que acreditam ser um conceito tão amplo e subjetivo, resultou em lindos registros.

Sendo assim, o presente trabalho de conclusão, baseado na reflexão da prática pedagógica, realizada durante o período de estágio curricular, tem como objetivo refletir sobre as representações que as crianças, de uma turma de Jardim B, com as quais realizei meu estágio curricular obrigatório, em uma escola de Educação Infantil localizada na cidade de Porto Alegre, possuem a respeito de suas lembranças de vida.

No primeiro capítulo intitulado “Caminhos investigativos”, trago informações sobre a pesquisa, tais como o contexto em que ocorreu os objetos de reflexão, metodologia utilizada bem como os sujeitos pesquisados. No segundo capítulo “Representações: do que estamos falando?”, explico sobre o termo “Representações” utilizando o autor Juan Delval como aporte teórico, no intuito de melhor situar o leitor sobre o que exatamente se acredita ser representações de memórias das crianças. No terceiro capítulo intitulado “Caminhos percorridos”, começo a percorrer minha trajetória de estágio junto à turma do Jardim B. Neste capítulo narro minha observação da turma, bem como elementos que se fizeram fundamentais nessa trajetória, tais como as músicas condutoras e a construção da roda, sendo os momentos em roda o que me levou ao que narro no quarto capítulo que são os projetos com a turma, dos quais o primeiro foi sobre a cidade de Porto Alegre. Por tratarmos das memórias da cidade, comecei a dar maior atenção às falas das crianças que questionavam o que seria “memória”, o que acabou por nos levar ao segundo projeto sobre nossas memórias.

O capítulo “Explorando as memórias pessoais de cada um” traz a narrativa do trabalho inicial que fizemos sobre as memórias pessoais de cada aluno, sendo que

está dividido na entrega dos pacotes às crianças, até chegarmos às apresentações individuais, no qual discuto a importância da afetividade na Educação Infantil.

Já no “Seguindo o fio: quando o inesperado surpreende o planejado” conto sobre como de uma história em aula, surgiram as respostas das crianças sobre suas representações de memórias. Respostas estas que trago e reflito acerca das mesmas no capítulo titulado “Refletindo sobre as representações das crianças”, o qual, por fim, encaminha a chegada de minhas reflexões.

2 CAMINHOS INVESTIGATIVOS

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA, SUJEITOS E CONTEXTO

O professor pesquisador traz uma característica que o diferencia dos outros colegas. Ele transforma sua docência em atividade intelectual cuja empírica (aquilo que ele observa) é fornecida por sua atividade de ensino, pela atividade de aprendizagem dos alunos pela sua própria aprendizagem, pela rebeldia de alguns alunos, pela incapacidade de aprendizagem de outros devido à falta de condições cognitivas prévias, em conteúdos ou em estrutura de condições didáticas apropriadas, ou, ainda, de carência de condições materiais. E finalmente, por transformar sua prática em função dessa atividade e, eventualmente, publicar suas conclusões, exercitando sua capacidade teórica ou reflexiva e beneficiando, com suas experiências, os colegas professores. Quando isso acontece, sua reflexão prestará à escola, ao ensino, à educação, e, por consequência à aprendizagem um inestimável serviço. (BECKER, 2010, p.20).

No exercício de ser professor pesquisador referido acima, que reflete a cerca de suas ações, e dos seus alunos, é que se deu início à presente pesquisa que foi realizada a partir de meu projeto em uma escola de Educação Infantil em uma turma de Jardim B, composta por 22 crianças, que ocorreu durante o período de meu estágio curricular obrigatório. Destaca-se que o mesmo não ocorreu em ambiente restrito à sala de aula, percorrendo outros espaços ocupados pelas crianças no âmbito escolar (sala de aula, pátios da escola).

Durante o período de estágio obrigatório do 7º semestre do curso de Pedagogia, confeccionei um diário de classe e relatórios de estágio, nos quais estão contidos, além de meus planejamentos semanais detalhados, mostrando a trajetória de meus projetos com a turma, as narrativas diárias de minhas práticas pedagógicas com as crianças, bem como o registro escrito de muitas de suas falas e reações no decorrer do trabalho de estágio proposto. Narro, ainda, minhas conquistas e meus anseios ao longo desta trajetória.

Esses registros, os episódios capturados em fotos, assim como materiais analisados, deram origem à presente investigação que possui como metodologia a análise documental e aporte teórico de cunho qualitativo, por acreditar que o acesso aos documentos do período de estágio, bem como o fato de poder retomá-los por várias vezes, serviu como material de estudo.

A análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos seja complementando as informações obtidas por

outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.
(LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 38)

As fotos que serão utilizadas no decorrer deste trabalho, como forma de ilustrar as narrativas de trajetórias do grupo, foram registradas em diferentes momentos da rotina da turma. Ao longo do trabalho, em *itálico* e com nomes fictícios, apresentarei frases ditas pelos alunos, que fundamentam esta reflexão.

3 “REPRESENTAÇÕES”: do que estamos falando?

Para iniciarmos nosso passeio pelas páginas deste trabalho, se faz necessário uma breve discussão sobre o termo em questão neste capítulo, que é o de “representações”.

A criança está continuamente experimentando para descobrir as propriedades da realidade, e é dessa maneira que forma representações adequadas de seu entorno. Essa atividade experimentadora começa desde o nascimento e continua ao longo de toda a vida. (DELVA apud BECKER, MARQUES, 2010, p115.)

Imaginemos a cena de um bebê interagindo com vários objetos. Ao jogá-los ao chão essa experimentação o faz notar que quando ele larga um objeto de certa altura, o mesmo vai cair no chão e não retornará sem que ele, ou outra pessoa, o pegue de volta, poderá notar também que ao morder estes objetos, alguns serão duros, outros mais macios, uns terão gosto bom, enquanto outros serão desagradáveis. Dessa forma pode-se dizer, de acordo com Delval (2010, p. 121) que “os humanos formam em sua mente algo que podemos chamar de representações ou modelo de realidade, que são muito adequados pra explicar o que ocorre e que lhes servem para agir e antecipar o que irá ocorrer”.

Não temos essas representações apenas para exemplificar o mundo, mas agimos a partir delas, a partir do que elas nos aconselham que façamos em cada caso: **não de como é a realidade, mas de como nós a representamos**. Isso nos permite antecipar o que irá ocorrer e não ter que esperar que ocorra, e, além disso, agir de maneira mais eficaz para nossos objetos. (DELVAL, apud BECKER, MARQUES, 2010, p. 122, negrito meu).

A cena do bebê interagindo com os objetos foi apenas um exemplo de construção de representação no início de vida, mas, vale ressaltar que essas representações se estendem desde nossa chegada ao mundo, até o fim de nossas vidas. No entanto, quando adultos vamos construindo representações mais elaboradas e a necessidade de agir diretamente sobre as coisas vai diminuindo. Sendo que cada pessoa agirá diante de determinada situação de acordo com seus conhecimentos armazenados, e com o que por ele foi representado.

Pode-se dizer então, que ao se optar como objetivo desta pesquisa o de refletir sobre as “representações de memórias” das crianças, estaremos falando de construções de realidades destas crianças entre 4 e 5 anos, a partir das relações com a realidade que cada uma construiu até o referido momento.

E como suporte para tais construção, foram utilizadas diferentes atividades, por isso, considero de extrema importância, situar você, leitor, do nosso caminho percorrido enquanto turma, até a chegada do objeto de análise deste trabalho.

4 CAMINHOS PERCORRIDOS

4.1 OBSERVAÇÃO DA TURMA

A turma do Jardim B resultou da junção de duas turmas distintas de Jardim A, logo, eram os primeiros contatos que as crianças estavam tendo, juntas, em uma mesma sala de aula.

Durante as duas semanas destinadas à observação do grupo, deparei-me com uma turma muito agitada. As crianças gritavam muito, jogavam materiais pela sala e, na hora de organizá-los, negavam-se alegando que não brincaram sozinhos, que não queriam ajudar, ou, simplesmente, negavam ter utilizado o material, sendo que brigas e discussões entre os alunos eram constantes.

Outro fator que pude observar era que a turma não se organizava no momento da roda. Na hora de sentar para formar a roda de conversa, para professoras ou alunos levarem alguma novidade, alguns alunos sentavam, enquanto outros ficavam correndo pela sala.

Entendendo a importância de realizar estes momentos em que os alunos conseguem olhar e ouvir uns aos outros resolvi iniciar um trabalho voltado à formação da roda, com o intuito de trabalhar estas questões com a turma.

O entrosamento entre os alunos, reconhecimento e o pertencimento à nova sala de aula e àquele novo grupo de pessoas, e o desenvolvimento de diálogos coletivos, se fazia necessário pois:

(...) numa turma em que haja problemas com as normas, dificuldade para se ouvir, pouca flexibilidade, pouco contato com as famílias, excessiva autoconcentração, pouco espírito de equipe, seria melhor começar trabalhando primeiro estas “coisas prévias”, para poder iniciar um projeto de trabalho coletivo. (NAVARRO, 2004, p 48).

Independente do projeto que se inicie com uma turma de educação infantil, é praticamente inviável o sucesso do mesmo, quando não existe uma identidade de grupo no qual esteja presente o diálogo, a troca de saber e respeito entre os participantes. Mas ninguém nasce sabendo disso. É preciso uma construção desses saberes e dessas vivências. Minha organização inicial, para que isso ocorresse, partiu da adaptação à rotina através de músicas e à formação da roda das novidades.

4.2 ESTRATÉGIAS MUSICAIS

Apesar da insegurança ao iniciar a semana de prática e saber, através de minhas observações, que a turma que me aguardava, seria um grande desafio, decidi que em meus primeiros contatos com a turma, para alcançar o entrosamento entre os alunos e adaptação à rotina e às tarefas em sala de aula, iria partir da adaptação aos momentos em roda e, ainda, utilizaria músicas para nos auxiliar com a adaptação a rotina.

Já no primeiro dia de prática, apresentei à turma algumas “músicas condutoras” que serviriam para sinalizar algumas atividades que fariam parte de nossa rotina. Tínhamos a música da hora de organizar a sala, da hora de lavar as mãos para o lanche, e da hora de sentarmos para formar a roda. O objetivo de inserir músicas a esses momentos era que os gritos de discussões e acusações entre eles, dessem lugar às músicas cantadas por todos, ampliando um olhar de coletividade entre os alunos. O outro é diferente, mas faz parte desse espaço que se ocupa e também participa das mesmas vivências.

As crianças pareceram muito receptivas com a proposta das músicas. Pude confirmar que, de fato, o foram. No dia seguinte, e melhorando a cada dia, os gritos de discussões e falta de interesse em ajudar na organização da sala foram dando espaço a uma turma que partilhava as tarefas.

A música que antecedia a organização da sala era a mais apreciada pela turma. A música também foi, de forma espontânea, levada para os momentos de organizar os brinquedos no pátio.

Para situar melhor o leitor, apresento a seguir a letra das músicas com as quais trabalhei durante as primeiras semanas nessa proposta de adaptação à rotina e entrosamento da turma, juntamente com a forma como elas aconteciam. Ressalto que o uso fixo dessas músicas não nos limitou a trabalharmos também com outras, em diferentes momentos da manhã, o que acontecia com muita frequência.

Guarda guarda

Ela é a Mônica, ele é o Cebolinha;
vamos todos juntos, arrumar nossa salinha

guarda aqui, guarda ali, vamos cooperar!
Nossa escola deve ser como o nosso lar
Ele é o cascão, e ele é sujão
Suja a sala toda, e não limpa o chão.
Guarda aqui, guarda ali, vamos cooperar! Hei!
Nossa escola deve ser como o nosso lar! Hei!

A música do “Guarda Guarda” começava a ser cantada no momento de organizar a sala, após a hora do brinquedo livre, no qual cada aluno decidia quais materiais da sala iria usar. Íamos cantando, todos juntos, enquanto guardávamos os brinquedos e jogos que estavam espalhados pela sala. A combinação era de que enquanto cantávamos todos iriam participar da organização da sala, organizando seus materiais e ajudando os colegas. Com essa música, a organização da sala passou de um momento de conflitos, para um momento de diversão, no qual todos cantavam juntos.

Hora do lanche
Escorre água da torneira e faz espuma com sabão
Pra comer o meu lanche
Lavarei as minhas mãos

Antes de a turma ir ao refeitório para a hora do lanche, todos iam ao banheiro lavar as mãos. Esse momento era muito tumultuado. Alguns alunos saíam correndo pelo corredor do lado de fora da sala, enquanto outros se empurravam e alguém acabava se machucando nesses momentos. Então a combinação foi que quando eu iniciasse essa música todos poderiam ir para o corredor do lado de fora da sala onde havia espaço pra que eles pudessem sentar. Poderiam ficar conversando com os colegas nesse espaço, enquanto revezávamos a ordem de quem ia ao banheiro. Essa combinação tinha a intenção de organizar uma ordem de acontecimentos para esse momento, que também causava brigas. Confesso que apesar de uma melhora crescente, esse momento não se resolveu tão facilmente quanto ao mencionado anteriormente, sendo que, por vezes, era necessário lembrá-los de nossas combinações sobre como proceder neste período da rotina.

Bom Dia!
Bom dia! Bom dia!
Está na hora de acordar!
Vê se levanta que a diversão vai começar!
O sol lá fora já se levantou;
e você ainda não acordou?!
Acorda!
Pra quê?
Pra gente brincar!
Bom dia! Bom dia! Bom dia!

Quando as crianças retornavam do lanche, nos reuníamos na roda. Eu aguardava a turma sentada na roda. Quando os alunos chegavam do lanche, iam sentando também. Eu aguardava em silêncio até que todos sentassem o que não demorava muito para acontecer. O problema era quando todos sentavam e começavam a olhar uns para os outros. Ver o colega que não se viu, enquanto se brincava com outros, provocava euforia, na qual conversavam uns com os outros ao mesmo tempo. As inúmeras conversas se misturavam, tornando impossível um diálogo com o coletivo.

Sendo assim, decidi que, quando todos estivessem sentados, após dar-lhes um breve momento para se enxergarem naquela organização, eu iniciava a música do “Bom dia”, e, com isso, eles começavam a cantar junto. Ao término da canção todos sabiam que eu iniciaria alguma atividade e ficavam atentos à novidade do dia.

4.3 A IMPORTÂNCIA DA RODA

De todas as atividades em sala de aula, a hora da roda pode ser a mais importante, em termos de atmosfera sócio-moral. Para muitos professores esta também pode ser a hora mais difícil e desafiadora do dia. (DEVRIEZ e ZAN, 1998, p 115.).

Inicialmente, as atividades e dinâmicas que utilizei para a formação da roda estavam muito ligadas às minhas vivências em um centro de educação infantil de metodologia montessoriana¹ no qual trabalhei como professora auxiliar, durante um

ano, findando esse período no início do estágio curricular obrigatório do curso. Concluí que alguns de meus aprendizados nessa área poderiam vir a ser úteis nesse primeiro momento com a turma do Jardim B. De início, a estratégia que utilizei foram as atividades de “linha”, muito conhecidas no sistema montessoriano.

A linha é trabalhada com a finalidade de despertar a consciência da criança e é constituída por algumas fases, sendo elas (1) a “atenção” que busca centralizar a atenção das crianças no professor através de movimentos com as mãos ou algum som; (2) a “concentração sem esforço” que consiste em caminhar em uma linha (imaginária ou não) para trabalhar o equilíbrio das crianças;(3) a “concentração com esforço” com atividades de domínio corporal que necessita de atenção maior atenção por parte da criança, com ela mesma, com os colegas, e com o espaço a sua volta;(4) a “desconcentração” como momento de liberdade da criança, por meio de danças, jogos, cantos; e (5) o “relaxamento” sendo esse, o momento de ficar em silêncio buscando o relaxamento (COSTA, 2010. p. 310).

As atividades de linha foram propostas, nos momentos em roda, com algumas adaptações, pois eu não tinha como objetivo introduzir na turma o método tal qual ele é, mas sim utilizar excertos que considerei proveitoso aos meus objetivos naquele momento, sendo que traços do item 1, 3 e 4, mencionados acima, foram os mais presentes em nossas dinâmicas em roda.

Nos primeiros contatos da turma comigo, no momento da roda, busquei trabalhar com atividades coletivas e que servissem pra que os alunos conhecessem mais uns aos outros e também para se familiarizarem com a sala ¹de aula, como um espaço que também pertencia a eles. Em minha primeira semana de prática, a roda já estava acontecendo com toda a turma envolvida, o que, em minhas observações, parecia ser uma difícil missão.

Abaixo as fotos da minha primeira semana de prática, com as atividades no momento da roda com a turma:

¹Método criado pela autora italiana Maria Montessori.

Figura 1: Roda para atividade de confecção de massinha de modelar.



Fonte: autora 2013

5 OS PROJETOS

5.1 PROJETO SOBRE A CIDADE DE PORTO ALEGRE

Após a conquista da roda, e a turma já estando mais entrosada, comecei a prestar atenção às possíveis pistas que a turma me daria para iniciarmos um projeto. Contava diferentes histórias na hora da roda, e, então, em um destes momentos peguei um livro à disposição na biblioteca da creche, chamado “Abecedário Alegre do Porto” para contar para a turma. Ao término da história, os alunos começaram a conversar entre eles, sobre os lugares que conheciam na cidade. Esse momento intrigou-me. Resolvi aprofundá-lo dando continuidade à conversa com as crianças. E assim, o projeto “Jardim B Alegre do Porto” surgiu.

Começamos a trabalhar sobre a cidade de Porto Alegre, conhecendo os lugares que os alunos frequentavam. Como ponto de partida, resolvemos fazer um passeio com o ônibus de passeio turístico de Porto Alegre. Foi uma grande aventura para a turma. Além disso, foram propostas atividades artísticas com argila, mosaicos e teatros.

Certo dia, enquanto procurava, na internet, por ideias para trabalhar com a turma, encontrei a “caixa de memórias de POA”. A caixa é um projeto da prefeitura de Porto Alegre no qual as escolas podem solicitá-la com materiais (livros, jogos, CDs de vídeos e músicas) selecionados de acordo com a faixa etária com a qual irá se trabalhar. Então, juntamente com a direção da creche, conseguimos marcar uma data para que a caixa fosse para a nossa turma.

Quando a caixa chegou à sala, coloquei-a no meio da roda, e deixei que a turma livre para explorar os materiais contidos nela e também para que eu pudesse observar quais materiais lhes despertariam maior interesse.

Figura 2: Explorando os materiais da caixa.



Fonte: autora, 2013.

Figura3: Chegada da “caixa de memórias de POA” na nossa sala.



Fonte: autora, 2013.

5.2 PROJETO SOBRE “MEMÓRIAS”

O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica na medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, (...) em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer.
Paulo Freire

Com toda novidade da “Caixa de memórias de POA” borbulhando em nossa turma, a palavra “memória” começou, aos poucos, a ganhar mais destaque. Frases começaram a se repetir, como “nossa cidade tem memória?”, “Eu tenho memória!”, “Que legal! Nossa cidade tem memórias!”. E ao observá-los nesses diálogos, eles me mostraram que poderíamos estar, também, trabalhando com questões sobre “memórias”. Um dia em aula, enquanto os ouvia, anotei em meu caderno algumas

ideias que fui tendo sobre atividades, histórias e vídeos possíveis de se trabalhar sobre o assunto. Mal sabendo eu, que desses rabiscos, sairia um lindo projeto.

Planejei um momento no qual contaria para a turma, uma história que trataria sobre memória. Mas antes, iniciamos a confecção dos “pacotes de memórias”, para, posteriormente, contar a história que daria um maior sentido aos mesmos.

O pacote de memórias teria por finalidade carregar objetos, ou qualquer outra fonte que remetesse às memórias de cada criança. Tendo, ainda, a intenção de mostrar que assim como nossa cidade, nós temos uma história que vai se modificando com o passar do tempo, mas que pode ser resgatada através de nossas memórias pessoais.

A confecção dos pacotes ocorreu sem que as crianças soubessem no que aquele material se transformaria. Distribui um pedaço de TNT para cada criança (que na verdade, já era o recorte daquilo que transformaríamos nos sacos), e várias cores de tinta, e disse-lhes que poderiam decorar aquele pedaço de TNT como quisessem.

Figura 4:



Fonte: autora, 2013

Colocamos as produções das crianças para secar, deixando expostos seus trabalhos no restante da semana. Enquanto isso, nossos trabalhos sobre a cidade de Porto Alegre continuaram. No final daquela semana, as professoras titulares da turma e eu, nos mobilizamos, carinhosamente, para costurar e organizar os pacotes, para surpreender as crianças com o novo formato de suas produções.

6 EXPLORANDO AS MEMÓRIAS PESSOAIS DE CADA UM

6.1 A ENTREGA DOS “PACOTES DE MEMÓRIAS”

Após explorarmos histórias, vídeos e muitas conversas sobre o tema “memórias”, chegou o dia de entregarmos o TNT pintados pelas crianças já no formato dos pacotes.

(...) fui mostrando os pacotinhos, e perguntando quem lembrava o que era aquilo, até que eles se deram conta que era as mesmas pinturas que eles haviam feito no TNT com tinta têmpera, então lhes expliquei que suas pinturas haviam se transformado em algo que chamaríamos de "pacotinhos de memórias". As expressões de surpresa foram marcantes. Então eu li para eles o bilhete que seria colocado na agenda deles para os pais verem, e expliquei que junto com os pais, eles pensariam em objetos, fotos, cds com músicas, enfim! Coisas que os remetessem as suas lembranças de vida, para colocarem no saquinho, e posteriormente apresentarem para o restante da turma. (REGISTRO 12/06/2013).

As crianças ficaram empolgadas, porque poderiam levar os pacotes para suas casas. Começaram a conversar uns com os outros sobre o que pensavam em trazer sobre suas memórias.

Organizamos na sala uma caixa grande, com a finalidade de guardar os pacotes que as crianças fossem trazendo até a data de apresentação. No entanto, muitas das crianças não gostaram da ideia de deixar seu pacotinho ali. Diziam “*tem coisas muito importantes aqui dentro!*”, e acabavam levando de volta pra casa diariamente. A importância dada aos pacotes merece ser ressaltada, pois demonstra o valor dado pelas crianças aos objetos ali carregados.

6.2 RESPEITÁVEL PÚBLICO! INICIEMOS AS APRESENTAÇÕES

Digno de toda emoção que cada criança trazia ao carregar seu pacotinho recheados de memórias e sentimentos, as apresentações foram feitas em forma de espetáculo.

Antes de a turma terminar o lanche eu fui para a sala organizar os materiais para a atividade. Organizei uma cadeira grande e enfeitada com fita colorida, e outra pequena ao lado, e organizei cadeiras ao redor de uma mesa para que as crianças pudessem sentar e sobre a mesa estava a caixa que criamos para as crianças brincarem de teatro e fantoches. Quando as crianças

retornaram do lanche, sentaram e começaram a falar "começa, começa!" achando que eu faria um teatro, então eu disse que seria parecido com o teatro, mas que quem apresentaria seriam eles próprios. Disse que iria tirando os pacotes de memórias e o dono do pacote deveria ir sentar na cadeira do artista, que era a grande e enfeitada, e apresentar as suas memórias através da caixa de contação. Quando eu chamava, falava como uma apresentadora de um evento brincando "respeitável público! Agora a atração esta por conta d@ noss@ querid@ colega..." e assim ia falando, e no final de cada apresentação eles aplaudiam o colega. (REGISTRO 18/06/2013).

O momento de apresentação das memórias trazidas pelas crianças demonstrava, tanto por parte daquele que iria se apresentar como dos observadores, um misto de emoções que iam de alegria, orgulho e admiração, a um romper da timidez e das dúvidas a respeito uns dos outros. Esse é mais um ponto importante a ser ressaltado. As apresentações propiciaram um rico trabalho de manter uma escuta atenta ao colega que falava, de conhecer outro com quem, muitas vezes, não se teve um maior contato, e saber que cada colega possui uma história de vida.

Os alunos trouxeram fotos, brinquedos, roupas, álbuns fotográficos, DVDs, objetos de várias procedências que iam apresentando aos colegas que ouviam atentos, e participavam durante as apresentações: "*Quem é esse na foto?*", "*onde foi isso?*", "*tu 'brincava' com isso?*". A participação dos colegas foi muito importante, pois mostrava o interesse pelas vivências de cada um. Além disso, essa atividade foi muito importante para que a turma se conhecesse melhor e visualizasse cada colega disposto a compartilhar com os outros.

Figura 5:



Fonte: autora, 2013.

Um caso que gostaria de ressaltar no decorrer desta atividade foi a de um aluno em especial, a quem aqui vou me referir como “HORIZONTE”. Este aluno de 5 anos perdeu seu pai aos 3 anos, morava com a mãe e o irmão mais velho, e nenhum deles conversava muito sobre o assunto. A mãe os ensinou que o pai havia morrido, e acabou. Falar sobre o passado era algo que machucava aquela família devido a dolorosa perda. Enquanto educadoras, aceitamos a posição da mãe diante da forma de encarar o assunto com seus filhos, no entanto, uma natural interferência começou a acontecer quando iniciamos nosso trabalho sobre memórias.

O aluno Horizonte, sempre foi agitado, gostava de correr, brincar com os colegas, era muito comunicativo. No entanto, quando começamos a falar sobre o pacote de memórias, ele logo se mostrou incomodado, e alegava não ter memórias, e que não teria nada pra trazer nos pacotes. De início, disse que com o bilhete que ele estava levando pra sua casa explicando a proposta do pacote, sua mãe leria, e o ajudaria nessa busca. No entanto, quando iniciamos as primeiras apresentações, Horizonte ainda não tinha nada em seu pacote. Quando seus colegas começavam a contar suas histórias, ele sempre tão ativo e participativo, caminhava inquieto pela sala, ou sentava do lado de fora, demonstrando emoções retidas como a estar incomodado naquele momento.

As emoções e suas manifestações são aspectos integrantes e indissociáveis das práticas cotidianas na creche. A disponibilidade e a competência afetiva podem ajudar o professor a compreender o sentido das expressões emocionais das crianças. (RONCARATI, 2012, p.21).

Ressalto, com esta situação, a presença, muitas vezes não considerada, da afetividade na educação infantil e como ela é fundamental e facilitadora na construção do conhecimento das crianças.

Parece que não é possível somente a aprendizagem teórica e técnica sobre como lidar e acolher choros, agressividade, carências e instabilidade emocional, pois o professor vivencia corporalmente a relação com as crianças, sendo afetado por elas. E cada criança é única, bem como a resposta que cada uma nos dá.

Era preciso um olhar atento às inquietações manifestas por aquele aluno, pelo sofrimento que ele expressava com o pensar que não tinha memórias. Comecei a falar com ele, enquanto seus colegas apresentavam seus pacotes, como uma forma dele ter ideias de objetos pra trazer. E enquanto seus colegas contavam suas vivências, posteriormente eu perguntava quais ele havia vivido também. O que inicialmente

pareceu desconfortável para ele, com o tempo foi oportunizando conversar e se abrir em paz, e, naturalmente, sem mais contendo um choro, ou caminhando inquietamente pela sala.

Vivemos em uma sociedade e numa cultura que prezam pelo racional, pelo controle das emoções, o que, muitas vezes conduz a relações nas quais são exigidos padrões de comportamento e de expressões que produzem a valorização da razão em detrimento dos sentimentos e das emoções. (RONCARATI, 2012, p.46).

Faz-se necessário um distanciamento do que é considerado educativo e pedagógico para outros níveis de educação e do papel que desempenhamos, pois “o trabalho na creche exige que o professor tenha sensibilidade e disponibilidade para se permitir ser tocado pela intensidade emocional das crianças, acolhendo-as e entendendo-as”. (RONCARATI, 2012).

E foi permitindo que Horizonte se descobrisse em seu tempo, como alguém também detentor de boas memórias, mas que também tinha algumas que não eram tão boas, mas não deixavam de ser suas, que certo dia, o sorriso largo voltou ao seu rosto e ele chegou à sala com seu pacotinho cheio. Eufórico ele falava “hoje eu trouxe meu pacote de memórias!”. E com uma alegria de se entender melhor, de entender que algumas lembranças doem, mas existem, o aluno Horizonte (agora feliz) dividiu um pouco de suas memórias com nossa turma.

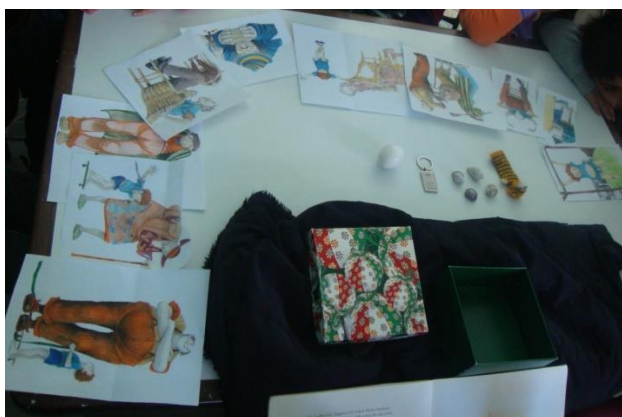
As apresentações aconteceram durante vários dias, sendo que as últimas ocorreram junto ao final do meu estágio. Nesses dias finais, em que relembramos de muitas de nossas vivências e conquistas ao longo do semestre, pude ver uma das mais significativas conquistas diante da mesma turma em que iniciei meu estágio. Eles não eram mais desconhecidos, formavam um grupo e conheciam e se importavam uns com os outros.

7 SEGUINDO O FIO

7.1 QUANDO O INESPERADO SURPREENDE O PLANEJADO

Seguindo o fio condutor, invisível, mas muito presente, que nos direcionava ao trabalho sobre memórias, contei para a turma a história “Guilherme Augusto Araujo Fernandes” (FOX, 1995) que fala de um menino que visitava um asilo e gostava, especialmente, de uma senhora que todos diziam que havia perdido a memória. Mas o menino não sabia o que era “memória”. Então começou a perguntar para os adultos na intenção de ajudar sua amiga a recuperar a sua “tal de memória”. No final, ele utiliza alguns objetos na intenção de que, ao mostrá-los para a sua amiga, ela começasse a recuperar suas memórias. Seu plano deu certo, pois ela começou a lembrar.

Figura 6:



Fonte: autora, 2013.

Ao término da contação, eles começaram a aplaudir entusiasmados. Mas eu não falei mais nada sobre a história, simplesmente os liberei para irem brincar no pátio. Não queria conversas coletivas sobre a história, pois sabia que com isso, uns começariam a repetir o que o outro dizia. Também queria deixar que eles curtissem por um tempo o que ouviram, sem o imediato bombardeio de perguntas.

Já no pátio, com uma das professoras titulares da turma, começamos a chamar um aluno de cada vez para uma conversa sobre a história. As respostas das crianças iam sendo transcritas, hora por mim, hora pela outra professora. Minha intenção com essa conversa era saber o que eles entenderam sobre memória, mas também já lhes

despertaria ideias para uma próxima atividade na qual eles receberiam os “pacotes de memórias” para levarem para suas casas e trazerem com objetos que remetessem as suas memórias para apresentar uns aos outros.

Nessa conversa com as crianças, os comentários de cada um sobre “memórias”, foram muito além de uma informal conversa sobre uma história contada em sala de aula, mas foram desabafos, opiniões, poesias...

Devido ao limite de tempo no pátio, que antecedia o horário do almoço, não consegui conversar com todas as crianças. Algumas perguntas que fizemos para aquelas crianças com quem consegui conversar foram de: se haviam gostado da história, sobre o que ela falava, até chegarmos à questão principal que era sobre o que eles achavam que era memória.

Analisando essas anotações, para a realização deste trabalho, agrupei-as por semelhança, construindo, para isso, duas categorias: uma vinculada a aspectos biológicos e outra a aspectos emocionais, das quais tratarei no próximo capítulo.

8 REFLETINDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS

Este capítulo tem por objetivo destacar a importância de um olhar e escuta, atento às crianças e às suas curiosidades. Dentre essas questões trarei, ainda, algumas das respostas as quais fiz menção no capítulo anterior sobre as representações de memórias dos alunos do Jardim B, sendo que as falas e diálogos estão em itálico, fiéis à pronúncia das crianças. Por questões de ética, serão utilizados nomes fictícios, definidos a partir de minhas lembranças de cada um. Assim, escolhi carinhosamente nomes de acordo com elementos que me remetem, em especial, a cada aluno.

O projeto sobre memórias, apesar de não ter sido meu projeto inicial com a turma, não ocorreu ao acaso, mas foi iniciado a partir de uma escuta atenta às questões trazidas pelas crianças.

Em certa época, a criança pergunta incansavelmente o porquê das coisas, e sobre os assuntos mais inesperados: por que há montanhas? Por que a semana tem sete dias? Por que o sol se põe? Por que as folhas são verdes? Por que chove? (...) Com suas observações, com o resultado de suas perguntas, com o que lhes contam na escola, com o que vê na televisão, com o que escuta na conversa dos adultos, com todas suas fontes de informação, vai elaborando suas próprias explicações de mundo, **que em muitos casos não coincidem com as dos adultos, com as da ciência, com as que se ensinam na escola.** (DELVAL, apud BECKER, MARQUES 2010, p. 124, negrito meu.)

Como mostrei até aqui, o projeto sobre “Memórias” iniciou a partir de questionamentos das crianças sobre este assunto. Então, por acreditar que “o conhecimento é sempre uma construção que o sujeito realiza, partindo dos elementos que dispõe” (DELVAL, 2010, p. 120), meu trabalho diante dos questionamentos da turma, foi o de propiciar/disponibilizar fontes de informação como histórias, vídeos, fotografias, para que com elas, os alunos elaborassem suas próprias explicações sobre o tema.

Os tipos de respostas forneciam elementos para criar categorias com o conteúdo das respostas, já, aí, esboçando possíveis níveis de desenvolvimento do pensamento do aluno, em relação ao que estava sendo investigado (levantar hipóteses é fundamental para podermos realizar investigações) [...]. A partir desse levantamento, formavam-se grupos ora heterogêneos (com alunos em diferentes níveis) ora homogêneos (com alunos com respostas semelhantes) [...]. (COLLARES, 2010, p 82)

O momento destacado acima de uma narrativa de Collares em suas vivências em sala de aula com o intuito de estudar como seus alunos pensavam as operações de multiplicação, sendo que ela procedia recolhendo as produções dos alunos após as atividades e analisava-as com o objetivo de fazer um levantamento do tipo de respostas que os alunos apresentavam (COLLARES, 2010), em parte, se assemelha ao que apresento aqui, pois da análise das respostas do grupo, sobre memórias, pude reparar, também, em uma divisão de respostas homogêneas e heterogêneas. Sendo agora dado destaque às respostas homogêneas dos alunos sobre memórias.

Memória vive dentro do *cérebro*, e serve pra gente lembrar das coisas (...). O polvo tem o *cérebro* grande, então ele deve ter memória! A lula e o rinoceronte também! (SONHADOR, 2013)

É lembrar das coisas que tu fez muito, muito tempo atrás. (RARA, 2013)

Num primeiro momento, a partir da análise das anotações feitas durante a entrevista individual com as crianças, a respeito de “memórias”, pude observar que das dez crianças com quem consegui falar nesse período do pátio, seis delas vinculavam memória a algo que “vem do cérebro” - trazendo comparações com o tamanho da cabeça, sendo esta uma aparente busca por remeter ao cérebro.

E a inteligência, tá no nosso *cérebro* e quando a gente fica adulto o *cérebro* fica grande e aí aumenta a memória. (LUA, 2013)

Memória é inteligência. (SOL, 2013)

Ressaltando que a conversa com as crianças acontecia de forma individual e nenhum aluno ouviu a resposta do seu colega (para que não houvesse imitação intencional nas respostas) é interessante destacar as semelhanças que ocorreram nas respostas deste grupo de crianças.

Lembramos com o *cérebro*, as coisas que a gente vê. No meu quarto eu lembro de tudo! (AFAGO, 2013)

Algo que a gente se lembre, nossa cabeça vai passando as imagens. (SABIÁ, 2013)

Agora, em relação ao grupo de respostas mais heterogêneas, ocorreu uma relação com o pensar e as lembranças de vida voltadas às suas emoções. Pensam de forma mais abstrata e fazem uma reflexão pessoal sobre o assunto. Para eles, memória é um sentimento interno que tem a ver com a consciência moral.

EU: E pra ti, o que significa memória? BRISA: Ballet. EU: E por quê? BRISA: Porque eu amo. É pra chorar... (ALEGRIA, 2013)

Em todo o tempo de trabalho com a turma, sobre suas lembranças de vida, não levei nenhum dicionário ou autor que explicasse o significado da palavra “memória”, o que ocorreu, e você leitor pode acompanhar através das páginas deste trabalho, foi uma caminhada coletiva através de diferentes recursos, mas que afetou individualmente cada aluno, em suas construções de conhecimento/ modelo de realidade acerca das lembranças de vida.

É legal! É alguma pessoa que pensa que imagina ou que sonha. (PAZ, 2013)
Uma pessoa quando se lembra de alguma coisa. A mãe trabalha muito, o pai uma noite fica em casa, outra noite não. Eu lembro de quando eu tinha 4 anos, eu era igual como eu sou, eu era parecido comigo. (MANSIDÃO, 20013)

Sendo que podemos afirmar que a semelhança nas respostas das crianças se dá devido ao fato de que “tudo isso é uma manifestação da originalidade do seu trabalho. Não se limita a assimilar o que lhes ensinam, a reproduzir o que ouve, mas elabora ativamente explicações com os elementos cognitivos de que dispõe” (DELVAL, 2010, P. 128). Ou seja, o trabalho feito com e por elas, e os elementos cognitivos adquiridos as levaram a tais representações tanto no caso das que se diferem muito, quanto nas semelhantes entre elas.

Suas ideias sobre os problemas científicos ou sobre as questões cotidianas, podem nos surpreender muito por serem inesperadas ou originais, mas temos que supor que são as melhores que pode entender e produzir; porque são simples e explicam pelo menos em parte, o que ocorre. (DELVAL, apud BECKER, MARQUES, 2010, P.124)

Já as crianças que responderam em alguns momentos mencionando o cérebro, mas todas dando ênfase a uma relação de afeto e emoção pessoal, não tiveram respostas tão semelhantes, sendo que o que as diferenciou foi exatamente o fato de enquanto seres singulares, exporem a partir de seus recursos, a construção de suas representações sobre o assunto.

E certamente, com o tempo, tais representações se modificarão de acordo com novos recursos de informação, e vivencias aos quais as crianças forem sendo inseridas.

9 CONCLUSÃO

Durante as construções das crianças não existiram respostas certas ou erradas, o que podemos visualizar foi a trajetória que direcionou os alunos, as suas representações sobre lembranças de vida, bem como refletir a respeito da construção de tais representações. Refletir sobre o material que consegui durante o estágio a respeito do que as crianças pensam sobre memória, ressaltou a importância de uma escuta atenta ao que elas pensam e tem a dizer, e o quanto é significativo o registro do que elas nos oferecem.

Ressalto, ainda, a significância que os objetos/ brinquedos têm para elas no decorrer de suas vidas, visto que todas trouxeram objetos de quando eram menores.

Chego ao término deste trabalho com novos conhecimentos teóricos que me ajudam a dizer que sim, é importante estar atento ao que as crianças têm a nos dizer sobre suas hipóteses. E na importância de investir em um processo que permita às crianças a elaboração de suas próprias construções mediante suas hipóteses.

Como conclusão, destaco que as crianças, através de suas lembranças, deixam evidente a importância de se criar, na escola, espaços de tempo nos quais suas falas possam significar-se como fundamentais. Destaca-se, ainda, o quanto as lembranças das crianças são constituídas e constituidoras de aprendizagens, relações de afeto, desenvolvimento da sensibilidade na elaboração de si, sendo que me senti muito feliz, e satisfeita por todo esse caminho que os projetos e atividades foram tomando ao longo do meu estágio, principalmente até chegarmos a esse tema de nossas memórias. Foram experiências riquíssimas que tive a alegria de vivenciar junto à turma do Jardim B.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt; BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Org.). **Iniciação à Docência em Pedagogia: Memórias que contam histórias**. São Leopoldo: Oikos Editora, 2012.

DELVAL, Juan. Aprender investigando. In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tania B.I. **Ser Professor é Ser Pesquisador**. Porto Alegre: Mediação. 2010.

DEVRIES, Rheta; ZAN, Betty. **A Ética na Educação Infantil: o ambiente moral na escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FLORES. Sabrina Bezerra. **Roda de conversa e Resolução de Conflitos na Educação Infantil**. 2010. Trabalho de Conclusão. Faced/UFRGS, Porto Alegre, 2010.

FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. Ilustrações de Julie Vivas São Paulo: Binqe-book, 1995.

LISLIE, Bruna. **Relatório de atividades**. Porto Alegre: FACULDADE DE EDUCAÇÃO. UFRGS, 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MELLO, Suely Amaral. A escola de Vygotsky. IN: CARRARA, Kester(Org). **Introdução à psicologia da Educação: Seis Abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004, p. 135-155.

NAVARRO, Carmen Díez M. **Afetos e Emoções no dia-a-dia da educação infantil**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

RONCARTI, M. **Presença Pedagógica. Afetividade na creche: reflexões sobre as emoções**. São Paulo. Editora Dimensão, 2012.

WALLON H. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.